

## **CURRÍCULO E PRÁTICA NA ESCOLA CICLADA: ANALISANDO EXPERIÊNCIAS NA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO.**

**Alunos: Jacqueline Teixeira de Assis e Cristine Oliveira Rosa**

**Orientador: Maria Inês G. F. Marcondes de Souza**

### **Introdução**

Esse relatório se refere às atividades realizadas de agosto /08 a agosto/09 de acordo com o cronograma apresentado no projeto. Durante esse período nos concentramos na análise de vídeos apresentados aos professores como parte das orientações da política de ciclos nas escolas da rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro. Os vídeos podem ser entendidos como “textos da reforma” e utilizam um determinado tipo de “vocabulário da reforma” educacional dos anos 90. Têm como objetivo orientar e instruir aos professores e gestores sobre os princípios básicos para implementação da política no contexto da prática.

A reforma curricular constitui-se hoje um elemento fundamental entre as estratégias voltadas para a melhoria da qualidade da educação. No Brasil, como em diferentes países na América Latina, as propostas de reformas têm sido esboçadas de “cima para baixo”, privilegiando o papel de especialistas, da definição de conteúdos mínimos nacionais, da extensão do tempo de aprendizagem e da aplicação de avaliações através de testes.

Em palestra intitulada *Ensino, Formação de Professor e Reforma escolar*, apresentada em um seminário realizado no Brasil sobre a temática *Como anda a reforma da educação na América Latina?* o professor americano Lee Shulman lembrava àqueles que o ouviam:

Como membro do sindicato, desejo assegurar a vocês que os professores não são o inimigo. Sem os professores como aliados, o sonho da reforma de ensino estará perdido. (...) A reforma deve começar respeitando o saber dos profissionais: devemos aproveitar o que nossos melhores professores já sabem, compreendem e acreditam seriamente, e construir sobre essas bases. Qualquer reforma que não veja nada de positivo no que os professores já fazem está fadada a fracassar, porque assim os professores serão tratados como inimigos, ao invés de colegas e aliados.(1997, p.133) [1]

Além de Lee Shulman, a pesquisadora chilena Beatrice Avalos (2002) [2], em texto sobre as reformas na América Latina, nos lembra que no final da década de 90, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, os professores são vistos como companhias “necessárias” no caminho para a melhoria da educação. Nessa melhoria a ampliação das oportunidades educacionais e melhores resultados na aprendizagem são vistos como elementos-chave para: (1) melhorar o desenvolvimento econômico, a competitividade no mercado mundial; (2) reduzir a pobreza e doenças sociais como a violência, crime, drogas, gravidez precoce; (3) desenvolver valores e habilidades para participação nas democracias reconstruídas. Assim, muitas das reformas baseiam suas diretrizes políticas em torno dos conceitos-chave de “qualidade” e “equidade”.(p.182)

Os papéis delineados para os professores nessas reformas são, com frequência, estabelecidos em elevados termos morais em relação às crianças e aos jovens. Em termos concretos essas diretrizes requerem que os professores assegurem aprendizagem através de: (1) implementar um novo currículo e ensiná-lo na escola, (2) utilizar métodos ativos de ensino em vez das formas de ensino frontal e expositivo, (3) responder às demandas da reforma desenvolvendo projetos de trabalho com pais e com a comunidade. Ao concluir seu texto, Avalos faz algumas recomendações em relação à implantação dessas reformas. Essas

recomendações incluem oferecer condições aos professores para a implementação, como tempo e apoio. Além disso oferecer oportunidades de desenvolvimento profissional na época da implementação do novo currículo, pois com frequência os professores apresentam um medo natural em relação à mudança. Apresentar estratégias de implementação que ofereçam chances aos professores de serem recipientes criativos das reformas, convencidos de seus méritos e capazes de criticar o que não funciona. No contexto dessa ajuda, a autora ressalta que incentivos adicionais para os professores têm um papel a desempenhar.

Mensagens no discurso internacional indicam que o processo de mudança deve ser regulado por princípios de “competição” e “incentivos” o que são muitas vezes motivos da resistência dos professores. Com uma crescente pressão por avaliação e mudanças nos padrões de emprego, eles inevitavelmente têm que reconsiderar suas tradicionais visões de profissionalização. Há, portanto, certos conflitos entre essa retórica global de mudança e o modo como os professores a interpretam e agem em relação a essas propostas (Avalos, 1998).

No município do Rio de Janeiro foi implantado em 2000 o Primeiro Ciclo de Formação para atendimento de alunos/as de 6, 7 e 8 anos. Este sistema é apresentado como uma “nova organização curricular, uma outra forma de estruturação do tempo escolar” e não como um somatório de séries (CA, 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. série), assim o planejamento das atividades pedagógicas deve ter por base esta outra organização temporal (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2005) [3]. Nos propomos a estudar a implementação da proposta curricular da escola ciclada na rede municipal da cidade do Rio de Janeiro, tendo os trabalhos de Stephen Ball como referência e ver como os professores recontextualizam e reinterpretam no seu cotidiano esta reforma. Daremos atenção ao contexto da prática, analisando o trabalho pedagógico de professores da rede em especial o atendimento à heterogeneidade dos alunos. O texto apresentado se refere à análise de vídeos como texto da política.

## Objetivos

O objetivo desse pôster é analisar os vídeos que fazem parte do programa *Nós da escola n 214- série Ciclo de Formação (MultiRio)*[4] que foram apresentados aos professores em 2006. O tema do programa é “*O que é o ciclo de formação e como as escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro estão vivenciando a forma de organização do tempo e espaço no ciclo de formação.*” Algumas questões básicas orientam nossa análise: Quais os argumentos usados para a implantação de uma nova política? Quais as bases teóricas da nova política? Como as novas orientações se articulam com as orientações já existentes? Quais as tensões que se evidenciam na apresentação da nova política e as práticas dos professores?

## Metodologia

O referencial teórico se baseia em Ball (1997)[5] e seu esquema para análise de políticas. A pesquisa se concentra no *contexto da produção do discurso* e no *contexto da prática*. Uma tarefa importante para a análise das políticas públicas é apontar o significado das políticas enquanto textos, operando nos diferentes contextos em que são usados. Na prática, as políticas dependem dos acordos e acomodações provenientes dos diferentes contextos. O ponto chave em relação ao contexto da prática é que as políticas não são simplesmente recebidas e implementadas, mas são interpretadas e recriadas. Os praticantes do campo educacional não são leitores ingênuos dos textos de políticas educacionais. Eles têm suas histórias, experiências, valores, e objetivos próprios. Isso significa que os autores de textos de políticas públicas não conseguem controlar os significados de seus textos. Partes delas serão rejeitadas, ignoradas, deliberadamente incompreendidas.

A nova ordem do discurso global é caracterizada tensões generalizadas entre práticas internacionais importadas e tradições locais. Buscam-se novas relações nos locais de trabalho parcialmente constituídas por novas práticas discursivas (p.26). Há referência (nos textos transcritos analisados) a práticas já realizadas na “escola dos países avançados”. Esse argumento é apresentado como uma estratégia de persuasão.

Na abordagem da análise de discurso proposta por Fairclough (2001)[6] destaca-se a condição de método crítico. Essa característica implica mostrar conexões que estão ocultas que necessitam ser desveladas. Implica também em intervenção - por exemplo, fornecendo recursos por meio da mudança para aqueles que possam se encontrar em desvantagem. Nesse sentido é importante evitar uma imagem de mudança discursiva como um processo unilinear, de cima para baixo. Há luta na estruturação de textos e ordens de discurso, e as pessoas podem resistir às mudanças que vêm de cima ou delas se apropriar, como também simplesmente as seguir. Isso vai se refletir na análise que faremos. Há uma tensão entre o que a escola faz, o que é visto como parte da cultura escolar estabelecida e os novos padrões de gestão e de prática pedagógica que a Secretaria quer implantar com a nova política.

Inicialmente, os programas foram transcritos e as transcrições foram objeto de leitura e análise. Em uma segunda fase, os programas foram vistos e revistos inúmeras vezes para que pudessem ser vistas as cenas para observação do tom de voz, da entonação, das expressões faciais enfim da cena como um todo.

Com base em Fairclough (2001), a análise deve incluir os seguintes aspectos: vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual, força dos enunciados, coerência e intertextualidade. No livro *Discurso e Mudança Social* (2002), Fairclough define “discurso”:

Discurso é um conceito difícil, principalmente porque há tantas definições conflitantes e sobrepostas, formuladas de várias perspectivas teóricas e disciplinares. Na lingüística, ‘discurso’ é usado algumas vezes com referência a amostras ampliadas de diálogo falado, em contraste com ‘textos’ escritos. Nesse sentido, ‘análise textual’ e ‘análise de discurso’ focalizam as propriedades organizacionais de nível superior do diálogo (por exemplo, tomada de turno, ou a estrutura de aberturas e fechamentos conversacionais) ou de textos escritos (por exemplo, a estrutura de uma reportagem de crime em um jornal). Mais comumente, entretanto, ‘discurso’ é usado na lingüística com referência a amostras ampliadas de linguagem falada ou escrita (p.21).

Além de preservar a ênfase em aspectos organizacionais de nível superior, esse sentido de ‘discurso’ enfatiza a interação entre falante e receptor (a) ou entre escritor(a) e leitor(a); portanto entre processos de produção e interpretação da fala e da escrita, como também o contexto situacional lingüístico. ‘Texto’ aqui é considerado como uma dimensão do discurso; o ‘produto’ escrito ou falado da produção textual (Fairclough, 2001, p.21).

Por outro lado, segundo o mesmo autor, discurso é amplamente usado na teoria e na análise social, como por exemplo, no trabalho de Michel Foucault, com referência aos diferentes modos de estruturação das áreas de conhecimento e prática social. Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’; diferentes discursos constituem “entidades-chave” de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (por exemplo, como ‘médicos’ ou ‘pacientes’, ou no caso em questão ‘especialistas’, ‘gestores’ e ‘professores’), e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise do discurso (2001, p.22).

Na abordagem de Fairclough ‘texto’ se refere a qualquer produto escrito ou falado, de tal maneira que a transcrição de uma entrevista ou conversa, por exemplo, seria denominada um ‘texto’. Nesse trabalho vamos usar transcrições de entrevistas (de certa forma planejadas)

como “texto”.

### Conclusões Parciais

Os vídeos centram-se nos conceitos de ‘justiça social’, ‘escola democrática’, ‘gestão democrática’, ‘tempo biológico’, ‘espaço e tempo’, ‘aprendizado’ e ‘trabalho coletivo’. Por que os vídeos foram usados como material de informação para gestores e professores? Qual a força das imagens que são veiculadas pelos vídeos? Seriam os vídeos mais aceitáveis que a leitura de materiais impressos pelos gestores e professores. Seriam os vídeos capazes de maior sensibilização por parte dos professores?

Os vídeos têm a seguinte estrutura: uma fala inicial da Secretária Municipal de Educação, uma conversa estilo “entrevista” em que a entrevistada é uma especialista em ciclos e professora universitária e a entrevistadora/apresentadora do programa. A conversa entre elas é intercalada com cenas de escolas em que se apresentam gestores e professores fazendo perguntas ou explicando seu trabalho. Analisamos as falas de cada uma dessas partes do vídeo focalizando basicamente o vocabulário, a gramática, a coesão, a estrutura textual, os enunciados, a coerência e a intertextualidade, segundo a proposta de Fairclough (2001). Nesse pôster vamos focalizar basicamente os *argumentos* apresentados para a implantação da proposta.

O argumento para implantação da proposta de ciclos é o conceito de *justiça social* que é apresentado logo no início pela Secretária Municipal de Educação: “*Uma escola democrática, mas, com justiça social. A rede pública trabalha com a diversidade dos alunos, ela não seleciona na entrada.*” Essa questão é reforçada pela especialista em defesa de uma escola para o século XXI: “*Por ter o ciclo o eixo da justiça social, do desenvolvimento, do direito do professor ao desenvolvimento cultural, atende bastante a demanda e ao desafio que se tem para superar.*” (Vídeo n. 214). Defende-se uma escola “*de qualidade*” e sua importância no mundo “*globalizado*”. A questão do aprendizado do aluno vai ser trabalhada a partir da “*neurociência*” e da “*antropologia*” que são colocadas como as bases teóricas da proposta.

A fala da especialista apresenta a escola como uma nova organização de espaço e tempo na vida cotidiana para a formação das novas gerações. O conhecimento formal, aquisição da cultura humana se traduz nas disciplinas do currículo e precisa ser ‘*apropriado pelas novas gerações*’. Ressalta também, em sua apresentação, ‘*o papel do adulto na preparação das novas gerações*’.

A entrevistadora exerce o papel de *mediadora*, fazendo perguntas e pedindo que a especialista “*explique os benefícios concretos da proposta*” para melhor compreensão por parte dos professores.

De acordo com a Secretária a democracia na escola passa pelos seguintes pontos: a eleição do diretor, o conselho escola-comunidade e a construção do Projeto Político Pedagógico (PPP). O que se espera dos professores no nível pedagógico: ‘*trabalhe em equipe, valorize o coletivo, seja aberto a inovações, promova a gestão da sala de aula (ouça os alunos, respeite a diversidade e promova a auto-avaliação)*’.

As orientações em relação à nova política trazem novos papéis e um novo vocabulário para os professores. Expressões como ‘gestão’, ‘trabalho coletivo’, ‘atendimento diferenciado aos grupos’ são termos amplamente utilizados na entrevista. Além disso, nesta parte são apresentados depoimentos de gestores que mostram o que já está sendo feito e a especialista comenta.

O papel do gestor é ressaltado na proposta de ciclos. Para descrever o seu novo papel é utilizada a metáfora do “*maestro*” responsável por “*modificar turmas, agrupar alunos, criar espaços*”. A especialista ressalta que “*o gestor vai ser muito importante e definitivo em agendar o tempo, quais e como os espaços serão utilizados e como serão utilizados.*” A fala

de uma gestora explica na prática o que significa isso no dia a dia da escola: “*corrigir os fluxos (saiu em portaria), mudar as turmas, remanejar encaminhar para outras escolas, conversar com os pais*”.

Como conclusões dessa etapa da pesquisa, ressaltamos a importância do vídeo como parte da política. A análise do vídeo revela elementos subjacentes, tais como: a ambigüidade do discurso oficial (problema de coesão e coerência), a intenção persuasiva de tentar convencer aos professores dos benefícios da proposta e uma preocupação com os mal entendidos dos próprios professores na sua implementação.

## Referencias

1- SHULMAN, L.- Ensino, formação do professor e reforma curricular. In MOURA CASTRO, Claudio e CARNOY, Martin (Orgs)- **Como anda a reforma na América Latina?** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997, p.133-139.

2- AVALOS, B- How do we do it? Global rhetoric and the realities of teaching and learning in the developing world. In SUGRUE, Ciaran e DAY, Christopher (Eds)- **Developing Teachers and Teaching Practice: international perspectives.** London: Routledge/ Falmer. 2002.p.181-196.

3 – PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO - **A Multieducação na sala de aula: refletindo sobre o trabalho no 1º ciclo de formação.** Rio de Janeiro, 2005.

4- MULTIRio- Programa Nós da Escola n. 214- série Ciclo de Formação “O que é o ciclo de formação e como a escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro estão vivenciando a forma de organização do tempo e espaço no ciclo de formação”. Rio de Janeiro, 2006.

5 - BALL, Stephan. J.- **Education reform: a critical and post-structural approach.** Buckingham/ Philadelphia: Open University Press, 1997.

6- FAIRCLOUGH, N.- **Discurso e Mudança Social.** Brasília; Editora da UNB, 2001.

## Apresentação de trabalhos científicos

- Participei, como co-autora, na elaboração do pôster que foi apresentado em evento científico:

MARCONDES, M. I.; ASSIS, J. T.- O uso do vídeo na implantação de uma nova política. **Encontro de Pesquisa da Região Sudeste** S.Carlos: Universidade Federal de S.Carlos, 2009.

- Outros trabalhos elaborados pelo grupo de pesquisa em que colaborei no levantamento bibliográfico:

MARCONDES, M.I.- Políticas e Prática pedagógica: análise da escola em ciclos no contexto brasileiro. Trabalho apresentado no Congresso Internacional da *Latin American Studies*

*Association- LASA, Rio de Janeiro, 2009.*

OLIVEIRA, J.C. de –Um estudo sobre o coordenador pedagógico : sua identidade, seu trabalho e a formação continuada no cotidiano escolar. Dissertação de Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

### **Entrevistas com professoras da rede (elaboração de roteiro e transcrição)**

Foi elaborado um roteiro de entrevista para ser aplicado as professoras da rede. Esse roteiro constitui-se de dados relativos aos seguintes aspectos: identificação do professor, visão sobre a proposta de ciclos, mudanças relativas ao tempo e ao espaço, orientações recebidas da Secretaria, aspectos positivos e dificuldades na implementação, critérios de organização das turmas, aspectos considerados na avaliação dos alunos, estratégias utilizadas para atender alunos com dificuldades de aprendizagem e tipos de formação continuada.

Foi realizada uma entrevista-piloto para testar e rever o roteiro formulado.

Estamos selecionando e entrevistando professores/as considerados “bem sucedidos” a fim de conhecer o impacto da política de ciclos na rede. As entrevistas estão sendo gravadas para serem transcritas.

### **Apreciação pessoal da bolsista sobre as atividades desenvolvidas na pesquisa.**

A oportunidade de participar de um grupo de pesquisa acadêmica como bolsista PIBIC tem ajudado muito no meu desenvolvimento como aluna de Pedagogia. O contato com a equipe de pesquisa, as discussões, a consulta a diferentes fontes bibliográficas e o acesso a variadas técnicas de pesquisa têm aberto diversas possibilidades de estudo e, conseqüentemente, de produções melhor elaboradas. Fui co-autora, com os demais componentes do grupo de pesquisa, de um trabalho científico apresentado na Reunião de pesquisa da Região Sudeste em julho de 2009. Isto, conseqüentemente, tem ajudado muito na minha formação como aluna, ampliando meus conhecimentos e abrindo portas para novas oportunidades de aprendizagem. Acredito que a experiência como bolsista de Iniciação Científica oferece grandes possibilidades de continuar a desenvolver estudos após a graduação.